# PRIVATE

A MAIS COMPLETA REVISTA MASCULINA DO PAÍS.

REVISTA MENSAL
ANO X - Nº 105
CR$ 320,00

JENIFER, LIZIANNE E VANUSA ESTÃO DE ARREBENTAR, EM ENSAIOS TOTALMENTE EM CORES

VÁRIAS NARRATIVAS ERÓTICAS VIVIDAS PELOS PRÓPRIOS LEITORES, TODAS COM LANCES MUITO EXCITANTES

PROPOSTAS ALUCINANTES, PARA VOCÊ ESTOURAR DE TANTO TESÃO

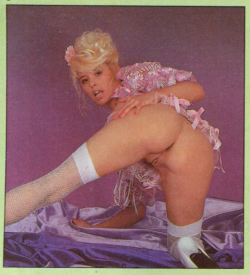
A FOTO DAQUELA GATA (OU GATO) GOSTOSA (O) PODE ESTAR EM LEITORES EM CLOSE. PROCURE

PROIBIDA A MENORES DE 18 ANOS

# PRIVATE

A MAIS COMPLETA REVISTA MASCULINA DO PAÍS

Jenifer




**4, 33, 38 MODELOS**
Nesta edição, Lizianne, Jenifer e Vanusa dão um show de beleza e sensualidade

**8 DIÁRIO SEXUAL**
Nas histórias dos leitores, transas loucas e envolventes

**15 TRIBUNA DO LEITOR**
Se você for criterioso, aproveite esta seção para meter a boca no trombone

**23 CORREIO CONFIDENCIAL**
Mesmo sendo muito exigente, o leitor certamente encontrará, aqui, a proposta que procura

**43 LEITORES EM CLOSE**
Esta é a vitrina para você expor seu "produto" a milhares de interessados. Faça sua melhor pose, e boa sorte!



1993 OUTUBRO
REVISTA MENSAL
ANO X - Nº 105

Vanusa

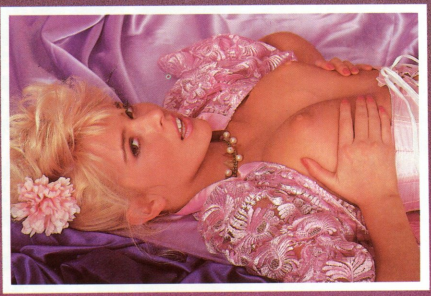
Lizianne

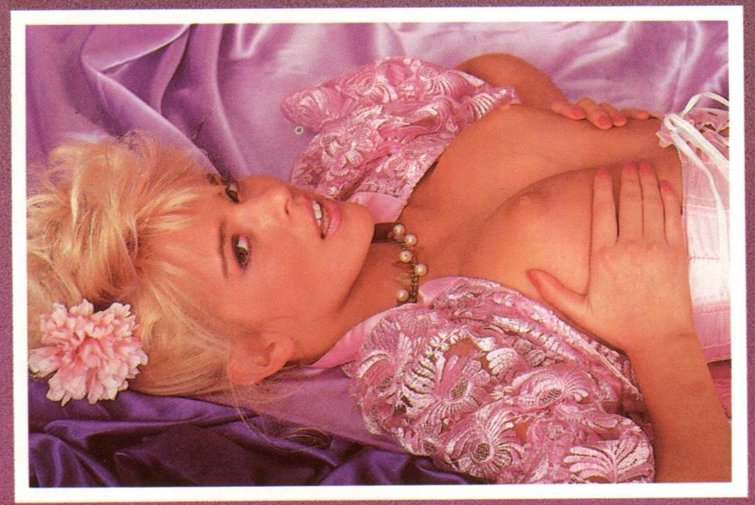
# LIZIANNE

## GATA PARA QUALQUER PROGRAMA

É, REALMENTE, LIZ TOPA TUDO: ADORA LAMBER UM PIRULITO, DAR A XANINHA E O CUZINHO, E TAMBÉM QUE LHE DÊEM UM BANHO DE LÍNGUA

JENIFER
QUE COISINHA DOCE, GOSTOSA! A VONTADE QUE DÁ NA GENTE É PENETRAR EM SUAS ENTRANHAS E DEGUSTÁ-LA TODINHA!





# VANUSA

*Carinha de anjo, mas com um tesão infernal. Multiorgásmica, afirma que para transar não tem tempo ruim*

# DIÁRIO SEXUAL

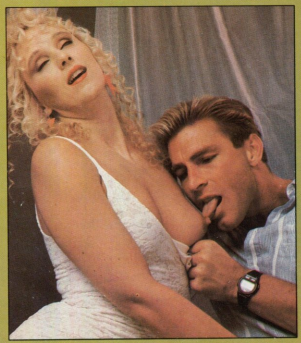
O ESPAÇO DA TRANSA INESQUECÍVEL

## A MULHER DO MEU QUERIDO CAPITÃO

Pouco antes de completar 20 anos, na perspectiva da carreira militar, fui designado para servir num posto avançado do Exército, distante e cercado por densa mata. Perto do alojamento, ficava a área reservada à oficialidade, com residências finas para os padrões daquela região, pobre e perdida no mundo.

Pouco tempo depois da minha chegada, fui escolhido para servir a um capitão, passando a ser seu ordenança, devendo ficar o tempo todo à sua disposição. Até hoje não sei, exatamente, por que fui o escolhido. Disciplinado sempre fui. Bem apessoado, talvez. Hoje, creio que a tarefa me coube por outros motivos. Militar não deve achar homem bonito, mas os bonitinhos acabam tendo lugares especiais.

Como ordenança do capitão, eu pouco fazia além de ficar permanentemente às suas ordens. Ele, na época, tinha uns 40 anos e impunha-se fisicamente pela altura, olhos negros penetrantes, bigode e cabelos levemente grisalhos. Sua mulher, Natália, descendente de europeus, era muito branca e tinha olhos azuis. Chamava a atenção a fartura de seus seios, que ela parecia não querer esconder. O casal parecia não ter afinidade: ele, um militar sério, austero, de pouco riso; ela, falante, riso solto e de fácil relacionamento. Sempre me perguntava como eles se atraíram a ponto de casar.



Nos meus momentos de ócio, que eram muitos, além de coçar o saco perdia-me em divagações. "Como seriam aqueles dois na cama?" Tinha uma certeza: ela, aparentemente mais esfogueada, tomava a iniciativa. Ele comandava a tropa; ela, a foda. Só poderia ser assim. E não demorei muito tempo para confirmar isso.

Os olhares de Natália, principalmente quando na frente de Cláudio, seu marido e meu capitão, deixavam-me constrangido. Eram, no mínimo, suspeitos. Evidentemente, eu desviava os olhos, pois sabia que a corda arrebenta sempre do lado do mais fraco. Provavelmente, diriam: "É ele quem deseja comer a mulher do capitão!"; "O soldado está infringindo as normas!" Eu fugia de Natália, evitava criar situações onde pudéssemos ficar a sós. Para compensar, com seus peitos generosos ela povoava minha imaginação e meus sonhos. Dediquei-lhe várias punhetas.

Um dia aconteceu o inevitável: Cláudio ordenou-me que levasse sua mulher à cidade, que supus fosse para fazer compras. A ida foi relativamente tranqüila, apenas algumas perguntas de caráter particular e umas poucas até íntimas, tipo: "Você tem namorada?", "Ela é virgem?", "Como você pode ter vida sexual numa região tão inóspita quanto esta?" etc. etc. Eu ia respondendo com o maior respeito: "Olha, dona Natália, para nós é difícil. Afinal, não temos as facilidades dos oficiais, que podem trazer as suas mulheres!" E o papo ia transcorrendo com ela fazendo perguntas picantes e eu dando respostas sérias ou evasivas.

No retorno, o esquema mudou. Natália sentou-se ao meu lado, na viatura. Fiquei gelado, imaginando como iria chegar ao quartel com a mulher do capitão ao meu lado, tendo de passar

pelo sentinela, pela tropa e, talvez, pelo próprio marido. Mas a minha preocupação era insignificante perto do que ocorreria. Natália ordenou que estacionasse. Ali perto havia um rio muito tranqüilo, de águas cristalinas. Fiquei intrigado. A mulher desceu dizendo que a acompanhasse por uma trilha, no mato. "Vou tomar um banho rápido", avisou. Fiz menção de me afastar, mas ela, segurando-me pelo braço, exclamou: "Fique, rapaz! Você nunca viu uma mulher nua?!"

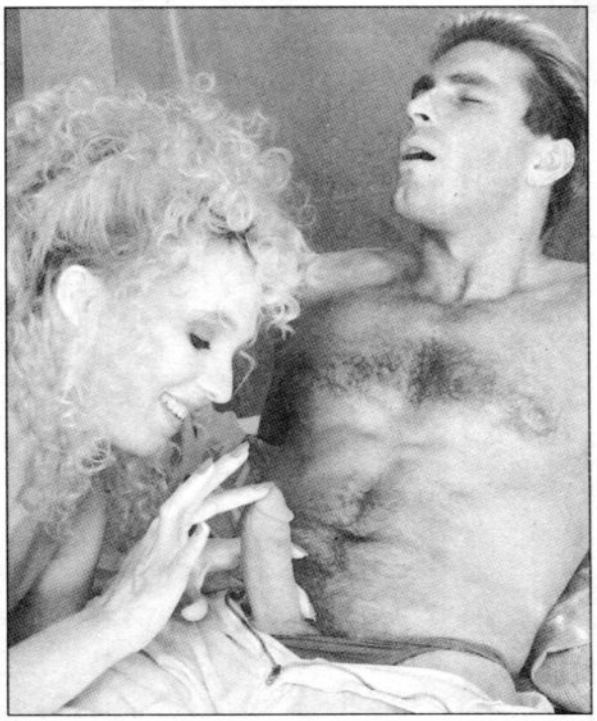
Natália deixou cuidadosamente os sapatos de lado; tirou a saia, que dobrou cuidadosamente e colocou no chão. E ali foi acumulando, num monte, a blusa, o sutiã e a calcinha. Eu, a metros de distância, observava um pouco aturdido, não sabendo onde aquilo ia dar. Quando estava completamente nua, ela veio em minha direção. "O menino não quer me acompanhar? Ou será que tem vergonha de tirar a roupa?!"

Por uma questão de disciplina, meu pau não deveria levantar, pois, como se diz na caserna, pau de soldado não pode bater continência para mulher de oficial.

**De repente, senti o cacete de Cláudio em minhas coxas e a sua boca no meu pescoço**

Mas, naquela situação, o meu já estava em riste. Natália aproximou-se, olhou-me nos olhos e disse: "Sabe que você é um tesão?!" E, lentamente, começou a tirar a minha farda. Completei a tarefa com rapidez. Quando fiquei totalmente nu, ela olhou para o meu pau e exclamou: "É maior que o do capitão!"

A água estava morna. Natália nadou um pouco; depois ficou boiando a minha frente. Seus pentelhos loiros flutuavam à tona, iluminados pelo sol poente. Devagar, ela aproximou-se e abriu as pernas à altura do meu rosto. Sua intimidade estava a minha frente. Cheguei mais e meu corpo foi enlaçado com suas pernas. Agarrei-a com fúria, apertando seus seios fartos, que passei a beijar e morder levemente. Natália curvava o corpo, oferecendo-se, abrindo-se. Penetrei-a ali, na água. Ela, gemendo muito, arranhava-me. Até que gozou escandalosamente. A mulher, como supunha, era mesmo muito quente.



No caminho de volta, disse a Natália que tínhamos quebrado todas as normas, e eu, um reles soldado, agora corria todos os riscos. Ela riu, passou a mão no meu ombro (agora estava no banco de trás) e disse: "Quem é que sabe, além de você e eu, meu querido?" Mas claro que tudo mudou naquela casa. Aparentemente, reinava a tranqüilidade de sempre. Mas, como ordenança, vivia a serviço de uma família cuja ordem fora rompida. Afinal, eu comera a mulher de meu superior hierárquico. Portanto, nada mais poderia ser como antes!

Na primeira vez que me defrontei com Natália, no dia seguinte, ela e Cláudio tomavam o café da manhã. Troquei algumas palavras com o marido, mas não tive coragem de olhar para sua mulher. Parecia que, se fizesse isso, me denunciaria, ficando exposto à punição do chefe. Passaram-se alguns dias e nada me aconteceu. Isso queria dizer que Natália guardava nosso segredo e, quem sabe, esperava uma oportunidade para transar comigo novamente. Essa oportunidade chegou mais cedo do que eu imaginava.

Numa tarde, fui chamado pelo capitão, que me pediu para avisar sua esposa para não esperá-lo para o jantar, pois chegaria mais tarde. Estava armada por ele uma situação que parecia provar que, no fundo, gostava de ser corneado. Eu é que não me sentia à vontade dentro disso tudo. Em todo caso, cumpri a ordem que me fora dada. Cheguei à residência do capitão e fui logo dizendo que ele voltaria para casa mais etc. e tal. "Oba!", exclamou Natália, sem esconder o contentamento que isso lhe dava. Será que ela não gostava dele, que estava louca para foder outra vez comigo?

Dessa vez, não foi preciso muita cerimônia. Natália me chamou para o quarto do casal, encostou a porta e avançou sobre mim, abraçando-me, beijando-me, mordendo-me, o desejo à flor da pele. Em pouco tempo, eu estava pelado, na ampla cama, com ela chupando meu cacete como louca. Aquilo era demais para mim. A foda era completa. Meu corpo pesava sobre o dela. Sua xoxota era uma boca úmida, mordendo e puxando meu pau para dentro. De repente, senti algo nas minhas costas. "Capitão Cláudio", gritei assustado, tentando erguer-me.

O meu severo superior estava sentado na cama, com um olhar risonho, afagando minhas costas. Parecia que apreciava a cena. Sua mulher enlaçou-me e apertou-se contra mim. Meu sexo estava a meio-pau. Eu não entendia nada. Já me via castigado, torturado, expulso do Exército, morto. Cláudio despiu-se e, nu, deitou-se ao nosso lado. Natália deitou-se sobre seu corpo moreno e peludo, beijando-o, mordendo de leve o seu queixo, seus lábios, passando a mão sobre o seu amplo tórax.

O pau de Cláudio apontava para o teto. Natália foi ajeitando-se, encaixando-se, fazendo-se penetrar pelo marido. A cena era muito excitante, mas eu estava retraído. "E aí, rapaz? Como vai esta piroca?", disse o capitão,

agarrando meu pau, para minha surpresa. Aquilo me fazia sentir uma gostosa conivência com o meu chefe. A ereção foi rápida e intensa, com muito tesão.

Cláudio me puxou como se quisesse que nós dois, ao mesmo tempo, cobríssemos sua mulher. Expunha-a, como se a oferecesse. Natália abriu-se toda e envolveu meu corpo, enlaçando minhas pernas. Deitei-me sobre ela, beijando e sugando os seus seios, penetrando-a profundamente, sob os olhares do marido. A mão dele corria pelas minhas costas, acariciando meu saco.

De repente, senti o cacete de Cláudio em minhas coxas e a sua boca no meu pescoço. Algo mexeu profundamente comigo. Eu estava com o pau enterrado no corpo da esposa e o membro do marido, o meu capitão, roçava pelo meu corpo. Senti um desejo que me remetia à infância. Queria que me penetrasse. Ele deitou-se sobre mim, e seu pau quente encaixou-se no meu rego, empurrando meus quadris contra o corpo de Natália. Eu não sabia onde estava o prazer: se no meu caralho engolido por aquela xoxota, que parecia devorar-me, ou no meu corpo todo sob o corpo do capitão.

**Passaram-se anos, mas ainda lembro com prazer e ternura as transas loucas daqueles dias quentes**

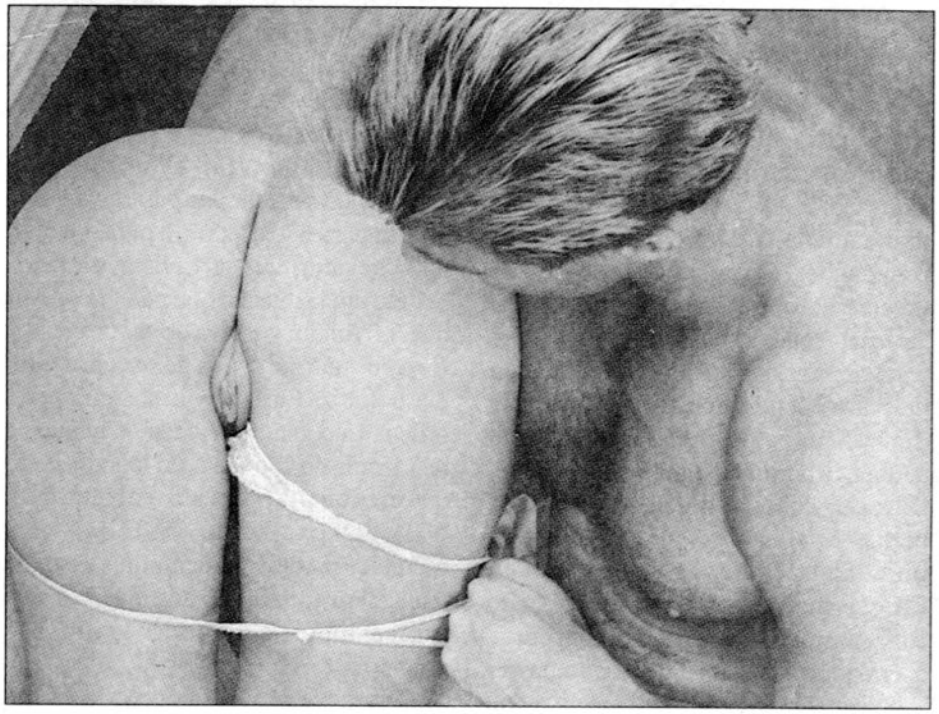
Louco, gozei como nunca fizera antes, fazendo jorrar a minha porra e a minha alma. Cláudio ocupou o meu lugar e, contorcendo-se, gozou com Natália. Ficamos os três ali, parados, viajando pelo Cosmos em completo silêncio. Enquanto estive servindo naquele posto, durante meses, repetimos essa cena, fazendo todas as variações possíveis.

Numa determinada tarde de domingo, em que Natália estava ausente, ocorreu o que me parecia inevitável: o capitão me chamou à sua sala. Atendi prontamente, com continência e toda a cerimônia exigida pela disciplina militar. Afinal, fora do quarto, com toda a formalidade, éramos capitão e soldado. Cláudio conduziu-me até o quarto. Lembro-me bem do cômodo: havia uma cortina clara na janela, através da qual se viàm muitas árvores. "Sabe que gosto muito de você?", declarou ele, olhando-me nos olhos. Depois, abraçando-me, disse ao ouvido: "Quero realizar com você uma fantasia que nunca ousei expor a ninguém".

Cláudio me despiu. Deitei na cama e fiquei contemplando seus gestos viris para tirar a roupa. Mesmo pelado, não deixava de ser o capitão que todos temiam e acatavam. Deitou-se ao meu lado, dobrou a perna sobre meu corpo e roçou meu pau latejante. Depois, deitou sobre mim, passou a língua e mordiscou meu peito. "Só quero que você ponha bem devagar", pediu. Abaixou-se, salivou meu cacete, pôs suas pernas grossas em meus ombros e ofereceu-se todo. Com cuidado e muito tesão, fui penetrando-o docemente. Como gemia o meu capitão! Quando tudo estava dentro, deitei-me inteiramente sobre ele, ficando o seu membro entre nós e o meu entalado em seu rabo. Em pouco tempo, gozamos alucinados.

As variações sexuais entre eu, Cláudio e Natália continuaram por vários meses. Até que meu tempo naquele lugar distante se findou. Passaram-se anos, mas ainda lembro com prazer e ternura as transas loucas daqueles dias quentes. Hoje, quase 20 anos depois, maduro e com carreira em outra profissão, sinto saudades daquilo tudo. Nunca mais vi o casal, mas gostaria de encontrar jovens, soldados ou não, que me façam recordar e viver de novo as cenas e os sentimentos que me envolveram tão fortemente nos meus tempos de caserna.

***Cássio, Caixa Postal 64.600, São Paulo, SP, CEP 05497-970.***



# A NOIVINHA DE GOIÂNIA

Numa sexta-feira de agosto, dia internacional da cervejinha e mundial da sacanagem; fim de expediente, eu sem a miníma vontade de voltar para casa, já que estava brigado com a dona "Encrenca", minha esposa. Antes de qualquer decisão, resolvi dar uma passada lá pelo Conjunto Nacional Brasília (shopping), para tomar um chopinho enquanto resolvia o que fazer, enfim, refrescar não só o calor, mas também a cuca.

De repente, surgiu a idéia de ir para Goiânia. Primeiro, para rever os amigos; segundo, dar um tempo, já que a vida conjugal não andava lá muito bem. Então rumei para a rodoviária. Ao solicitar a passagem, a moça do guichê informou que só havia lugar no ônibus das 22h45. Pedi que me desse uma das últimas poltronas, pois estava a fim de dormir durante a viagem. Com a passagem na mão, voltei ao shopping, para fazer tempo, olhando vitrinas e apreciando o movimento, enquanto aguardava a hora do embarque.

Em uma parada na cidade-satélite de Taguatinga, para apanhar passageiros, desci para comprar umas latinhas de cerveja. Além do calor, pretendia apressar o sono, já que, devido ao problema familiar, não estava conseguindo sequer cochilar. Mas, como a vida é cheia de surpresas, ao retornar ao ônibus encontrei a poltrona ao lado da minha ocupada por uma verdadeira deusa do amor: morena tipo índio, cabelos pretos e compridos, olhos verdes, boca pequena de lábios finos, sorriso contagiante e aparentando uns 20 aninhos. Usava uma minissaia e um bustiê pretos, com um camisão de linho branco que lhe caía divinamente bem, deixando-a em condições de parar o trânsito na W-3 Sul em pleno meio-dia.

Tão logo me aproximei, aquela escultura me perguntou se eu não me importaria de trocar de lugar com ela, pois adorava viajar naquela poltrona, a qual, infelizmente, já estava vendida quando comprou a passagem. Disse mais: alegou que aquele lugar, naquele horário das sextas-feiras, praticamente lhe era cativo.

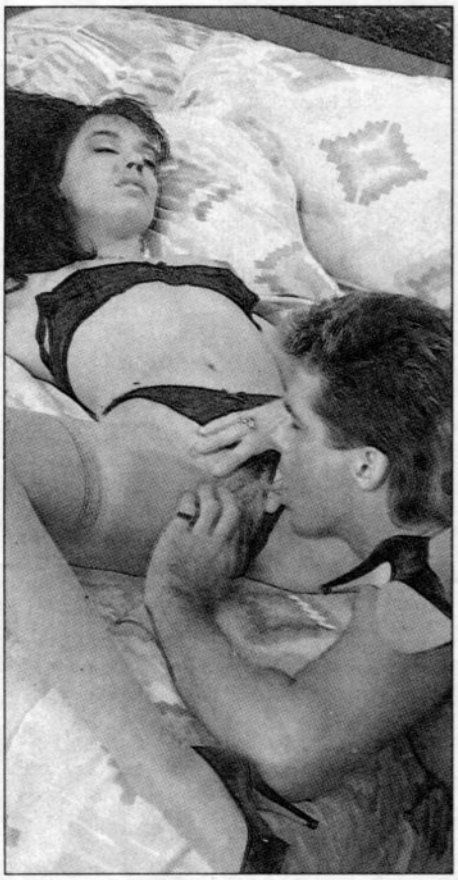
Aceitei a troca, sentei ao lado da gata e ofereci-lhe uma latinha de cerveja. Enquanto bebericávamos, conversamos por um bom pedaço. Fiquei sabendo que se chamava Bia, seus familiares residiam em Goiânia, trabalhava como secretária em uma grande empresa do Distrito Federal, cursava Direito na Ceube e era noiva...

**Tomei o resto da cerveja, virei-me de lado e...**

Num dado momento, pedindo desculpas e alegando que tivera um dia estafante, a garota disse que precisava descansar um pouco. Virando-se para o canto, encostou a cabeça na poltrona e jogou para o meu lado aquele bundaço praticamente nu, pois, na posição em que estava, sua minissaia não tampava quase nada. Não agüentei e "viajei" rapidamente. Meu caralho quase rasgava a calça. Aquela posisão me proporcionou a felicidade de ver que sua tanguinha era preta, minha cor preferida. Com tudo aquilo ali ao meu lado, viajei com meus pensamentos e acreditei que a viagem seria ótima.

Abri outra lata de cerveja e ofereci. Bia aceitou, tomando quase toda de um só gole. Ao recostar-se novamente, jogou ainda mais sua poupança para cima das minhas pernas. Logo, as cervejas e o perfume daquela menina-moça excitaram-me loucamente. Não conseguia olhar aquela apetitosa bundinha sem pensar mais profundamente. Em dado momento, sem poder me conter, apalpei de leve aquela bundinha lisa e cheirosa, percorrendo todo o contorno da sua tanguinha. Então, como que não acreditando, ela escorregou mais para o meu lado, pressionando-me contra a poltrona. Fiquei louco e passei a acariciá-la de verdade. Como que em sinal de consentimento, a gata abriu ligeiramente as pernas.

Tomei o resto da cerveja, virei-me



de lado e encaixei meu pinto naquela grutinha saliente e quente. Bia moveu-se buscando uma posição mais adequada. Minhas mãos foram subindo devagarzinho; primeiro pelo ventre, até os peitinhos durinhos como duas maçãs recém-colhidas. Depois cheguei ao seu rosto, mordisquei sua nuca e orelhas... "Ai, gato, assim você me mata de tanto tesão!", disse ela, começando a roçar a bunda na minha pica. Sem dizer nada, desabotoei seu bustiê e liberei o mais belo par de seios que já havia visto: rosados, durinhos e com os biquinhos empinados e escuros como chocolate. Acariciei, lambi e chupei aquelas coizinhas lindas como se fossem o néctar dos deuses

Enquanto chupava as tetas, deixei minha mão escorregar até a bocetinha de Bia, massageando-a primeiro por sobre a tanguinha. Quando senti que já estava toda molhadinha, punhetei-lhe, primeiro, por alguns minutos, para, em seguida, lambuzar bem a mão e passar seu suco nos seus peitinhos, que passei a chupar como nunca tinha feito antes. Deixei exalar no ar aquele cheiro gostoso de mulher que nos alucina e, por vezes, nos leva à loucura. E não deu outra: a gata virou uma cobra e, rapidamente, ajudou-me a livrá-la de sua roupas, ficando apenas com o camisão.

Louco de tesão, escorreguei por entre as poltronas, encaixei a bocetinha de Bia na minha boca, joguei suas pernas por sobre os ombros e, aí sim, pude chupá-la como se fosse um bezerro faminto, até que derretesse em gozos sucessivos. Gozou nem sei quantas vezes. Só que, para que não gritasse, tive de tapar-lhe a boca, recebendo uma senhora dentada na mão. Mas o escândalo foi abafado e não fomos incomodados. Mesmo porque o ônibus estava praticamente vazio.

Lembrei-me da última lata de cerveja. Abri-a e derramei boa parte do líquido sobre os peitinhos de Bia. Lambi das tetas até a xoxota o suficiente para que a garota voltasse a gozos intensos. Com a cerveja escorrendo até seu rabinho, fui

**Enquanto chupava as tetas, deixei minha mão escorregar até a bocetinha de Bia, massageando-a primeiro por sobre a tanguinha**

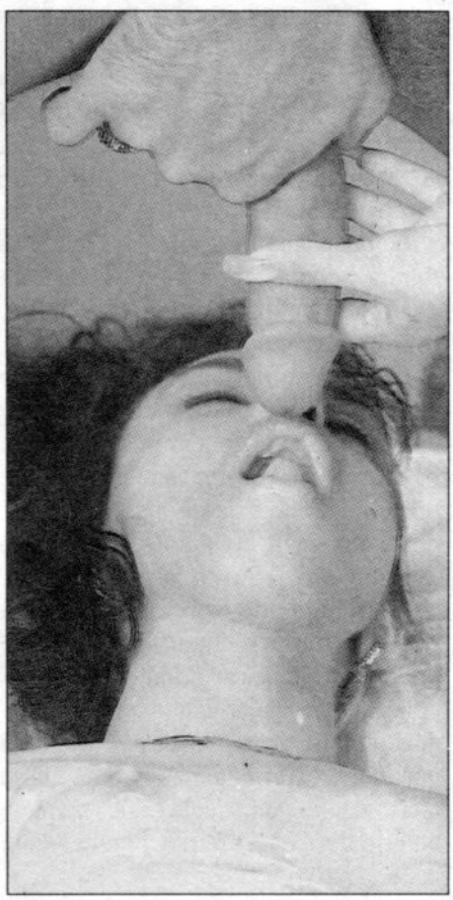
sorvendo gota por gota. Ao passar a língua na extensão compreendida entre o cu e a vagina, ela se arrepiava toda. Enfiando um dedo na bocetinha e outro no cuzinho, com a outra mão lhe acariciava os peitinhos. "Gostoso, não suporto mais... vou gozar! Mexe mais, para que eu possa sentir seus dedos lá dentro das minhas entranhas...!", suspirou a fêmea rebolando loucamente, antes de desfalecer de tanto gozar.

Alguns minutos depois, Bia ergueu-me do solo do ônibus, puxou-me para a poltrona, desceu minha calça moleton e sentou no meu colo. Com sua bocetinha toda melecada encaixando-se direitinho no meu cacete, a gata me levou ao êxtase total, em movimentos de rotação que me fizeram gozar como um louco. Ao mesmo tempo, eu dedilhava seu grelinho, para que gozasse comigo. Selamos nossa explosão sexual com um senhor beijo. Mas queríamos mais e, no balanço do ônibus, Bia subia e descia no meu caralho, trazendo seus peitinhos ao alcance da minha boca. E logo chegamos a mais uma gozada, mais gostosa ainda que a primeira. Quando nos demos por conta, o ônibus já estava chegando em Goiânia.

Depois de nos recompormos rapidamente, Bia me presenteou com sua tanguinha, dizendo que era para eu recordar da sua melhor viagem. Entregou-me, também, um cartão com o número do seu telefone em Brasília. E pediu para eu não sumir, pois queira muito mais quando retornasse à Capital Federal. Ao descermos do ônibus, já na rodoviária, ela me mostrou, de longe, seu noivo-corno. E deu-me deu uma apertada no cacete. Ao senti-lo duro novamente, exclamou: "Que pena deixá-lo!"

Se você, mulher de 18 a 60 anos, deseja algo parecido, ou quem sabe até melhor, basta escrever-me. Sou claro, hipercarinhoso, discretíssimo; tenho 42 anos, olhos claros e cabelos castanho-claros.

***JP, Caixa Postal 09.929, Brasília, DF, CEP 70001-970.***



# BORBOLETA GRÁVIDA

Há três anos não mais transei Sandra. Nossos momentos, logicamente, permaneceram ao menos em minhas deliciosas lembranças. E, não raro, estas lembranças causaram ereções que, no ápice da madrugada, eram desafogadas no ato solitário de uma masturbação recheada da mais pura saudade. Saudade de tudo, desde aquelas calcinhas transparentes até as sandálias propositalmente sensuais. E o cheiro dela, por vezes, surgia no perfume de outra pessoa, como a me enclausurar em reminiscências.

Quando nos separamos, Sandra iria morar com alguém no interior de São Paulo. E foi mesmo! Evitei qualquer tipo de contato naquele tempo, para que não despertasse nenhum tipo de comentário, como é natural em fatos dessa natureza. E, durante toda a sua ausência, nossas atitudes passadas me perseguiram em sonhos, por vezes tornando difícil até encontrar parceira que substituísse tudo o que ela representava no exato sentido do prazer. Sandra é minha prima legítima, filha de uma irmã de minha mãe e dez anos mais jovem que eu. Por uma dessas afinidades do destino, por várias vezes fizemos sexo, sempre descobrindo coisas novas em cada contato.

**Quantas e quantas vezes fiquei só lambendo os pentelhos da boceta de Sandra, sem tocar no clitóris**

Eu adorava aquela boceta cada vez com mais intensidade, toda vez que Sandra jorrava o seu gozo de mulher em meus lábios. Minha língua não se cansava de lamber o arrepio das polpas daquela bundinha, antes de ir fundo no cuzinho dela, que se contorcia pedindo uma penetração mais profunda para dentro do canal. Com as duas mãos, Sandra arreganhava o máximo que podia as carnes das nádegas, deixando que minha língua invadisse ao máximo a profundidade do seu orifício anal.

Eu acompanhava a cadência de seus gemidos, lambuzando-a de saliva e mordiscando as paredes de suas carnes tenras e deliciosamente excitadas. Quando era ela que me chupava, por tantas e tantas vezes senti o gosto de meu próprio esperma, beijando aquela boca enquanto ela segurava o meu caralho, conduzindo-o para melhor introduzi-lo na boceta. E gemia novamente. E serpenteava o corpo quando se sentia penetrada. Pedia para que eu gozasse, queria ser uma cadela sem dono. Nossos orgasmos chegavam, assim, entrecortados de palavras chulas, num arrebatamento inesquecível.

Lembro-me com carinho de quando resolvíamos lambuzar-nos de coisas gostosas, como geléia ou mel. E dos pedacinhos de palmito que eu introduzia em sua vagina, para depois ir buscá-los com minha língua. Ou quando enfiava os palmitos em seu cuzinho, para que ela os defecasse em minha boca. Salsichas também foram muito usadas. Uma vez esporrei em sua boca enquanto ela tinha com uma salsicha introduzida no ânus e usava outra para se masturbar, como se essa fosse um consolo. Logo após, ainda brincando com nossos corpos, acabamos comendo as salsichas. Sandra gozou muitas e muitas vezes nesta língua que agora esta sedenta para reviver tudo. Eu gostava particularmente de ficar deitado, chupando os dedinhos dos seus pés, enquanto ela acariciava o meu membro. E adorava quando ela resolvia fazer xixi nos meus lábios, depois de ter gozado.

Quantas e quantas vezes fiquei só lambendo os pentelhos da boceta de Sandra, sem tocar no clitóris. Acariciando com a língua e passando minha saliva em toda aquela pentelheira, beijando com fascinação cada parte íntima daquela mulher que delirava. Não há absolutamente nada que eu possa descrever sem ficar devendo um detalhe mais apurado. Dos joelhos até a nuca. Da ponta dos dedos dos pés até o umbigo. Era uma musa?! O seu cheiro, a sua essência está guardada comigo, e sei que vai ficar por um longo tempo. Em nossas sacanagens, Sandrinha enfiava três dedos da mão dentro da boceta umedecida, para depois me ver lambê-los um a um.

Observando melhor, agora vejo como tudo passou tão rápido. O tempo não perdoa porra nenhuma mesmo. Todavia, o mesmo destino que nos separou um dia começou a nos unir novamente, com algumas diferenças de situações e com a mesma emoção de antes. O modo como isto ocorreu foi um tanto sombrio. Mas fazer o quê? Foi exatamente no velório de um parente muito querido que, após três anos, nos reencontramos. Sorrisos leves e olhares foram trocados. Tudo muito sutilmente, como a situação ali pedia. Durante todo o velório, não

Continua na pág. 74

consegui prestar atenção no defunto. Acredito mesmo que foi até uma falta de respeito, mas eu só conseguia pensar que aquela boceta, que tantas alegrias havia-me proporcionado no passado, estava ali, a poucos passos. Com uma diferença: Sandra estava grávida. Sensualmente grávida, de uns sete ou oito meses, calculei.

Continuei ali, observando aquela barriga enorme, imaginando mil barbaridades. Quase tive uma ereção. Mantive uma certa distância na cerimônia do funeral. Como durante todo tempo observei que Sandra estava sozinha, esperava que a qualquer momento a tal pessoa com quem estava vivendo poderia aparecer. Foi torturante todos aqueles minutos. Eu quase sentia o calor de Sandra perto de mim; tanto que precisava dele! Era a minha saudade que estava pedindo. Eu não conseguia concentrar-me em nada do que estava acontecendo naquele enterro. Lembro-me que, quando todos estavam rezando no momento do caixão baixar à sepultura, meus pensamentos eram totalmente outros.

**Sandra permanecia de olhos fechados, sentindo o contato de meus dedos percorrerem lentamente toda a extensão de seu ventre**

Foi no caminho de retorno, ainda no cemitério, entre campas e mausoléus, que trocamos as primeiras palavras. Conversa miúda entrecortada por cumprimentos de alguns familiares. Sandra me relatou que o maridão estava em Mato Grosso, para onde deveria ir logo após o nascimento do filho que esperava. Conversamos outras banalidades. Vez por outra, minha ironia buscava alguma coisa do passado, elogiando o dedão do pé, por exemplo.

Ela sorria e, em silêncio, eu sabia que ainda sentia o mesmo que eu. Uma vontade enorme de reviver tudo novamente, corpo a corpo. Aliás mais barriga que corpo!

A grande oportunidade veio duas semanas e meia depois, quando, a seu pedido, fui buscá-la na saída de um consultório médico, onde fazia exames obstétricos. Fomos andando até uma lanchonete, onde tomamos refrigerantes. Como antigamente, a boca de Sandra me excitava. E agora, para potencializar meu desejo, havia também aquela bata de gestante. Ela sugava lentamente o líquido pelo canudinho, enquanto seus olhos sacanas me traziam de volta aquela mulher do passado. A mesma sensação de antes. O gosto quente na boca. Uma vontade no meio das pernas.

Quando acariciei seus cabelos suavemente, com a ponta dos dedos, Sandra insinuou como é que iria transar com a barriga daquele tamanho. Eu disse que iria adorar. E, como antigamente, sem mesmo termos consciência do tempo, quando percebemos estávamos de mãos dadas dentro de um táxi, a caminho de um motel.

Dentro do quarto, fiquei imaginando se não seria mais uma brincadeira do destino este nosso encontro. Uma música pairava no ar, vinda da FM. Sandra estava no banho. Eu bebia o meu drinque preferido quando ela surgiu, molhada e mal envolta na toalha. Não mais estava bebendo nem fumando, por causa do bebê. Sentou-se na cama e, então, comecei a acariciá-la.

Sandra permanecia de olhos fechados, sentindo o contato de meus dedos percorrerem lentamente toda a extensão de seu ventre e levemente pousar em cima do tufo de pêlos. Sua boceta, agora, estava extremamente cabeluda, diferente de antes.

Fui para o chão e, de joelhos, ajeitei Sandra em posição ginecológica. Ela ficou deitada bem na beiradinha da cama e começou a abrir as pernas lentamente, enquanto minha língua já acariciava suas coxas. Uma visão sempre estonteante para mim. Aquela boceta parecia agora ter aumentado de proporções. A pentelheira era extensa. Os lábios vaginais avermelhados contrastavam esteticamente com o negro dos pentelhos. Assoprei levemente. O odor da vagina me era familiar, e eu adorava o cheiro dela!

Beijei com suavidade os pentelhos e parte das suas coxas. Sandra estava de volta! Arrepiada nas polpas das nádegas. Ela começou a escancarar as pernas o máximo que podia, para que minha língua penetrasse. Mas eu estava lambendo suas coxas exatamente igual a um cão quando lambe uma cadela. E, com a adoração de sempre e com a vontade agora redobrada, enfiei meu rosto no tufo de pêlos, buscando com ansiedade o seu grelo. E aquela vagina pareceu me reconhecer, pois abriu-se totalmente como uma flor molhada e trêmula. Lambi e chupei com sogreguidão. Recebi, então, em minha boca aquele orgasmo por mim tão conhecido: o orgasmo de Sandra!

A dimensão da barriga causava certa dificuldade. Para que eu pudesse lamber e chupar o seu cuzinho, Sandra teve de ficar em pé e colocar um dos pés sobre a cama. Nessa posição, pôde sentir o que adorava sentir: minha língua rabiscando todo o seu ânus, enquanto ela própria se masturbava. Vez por outra, minha língua esbarrava nos dedos úmidos das suas mãos, e eu também os lambia até ela gozar novamente. Sandrinha ficou de pé, mas eu continuei minha carícias beijando seus pentelhos

Continuação da pág. 13

e, com as mãos, apalpando docemente sua bunda. Abrindo um pouquinho as pernas amparada por minha língua em seu clitóris, Sandra começou a fazer xixi. Eu sabia que ela adorava sentir a urina quente descer por suas pernas tendo minha boca atolada em sua vagina.

Fazer um "69" como antigamente ficaria um tanto difícil. Por isso, Sandra chupou meu pau sentada na cama. Penetrei sua boca como quem penetra uma boceta quente, úmida e larga. Ela brincava com a língua nos meus testículos e passava a cabeça do caralho por todo o seu rosto. O meu gozo inundou sua boca. O esperma desceu pelo queixo. Depois nos separamos novamente. Esquecer jamais!

Agora, quero contato íntimo com mulher grávida em qualquer período de gestação, que seja saudável, higiênica e, principalmente, que adore ser chupada demoradamente até o orgasmo. Tenho 39 anos, 1,69m, 82kg; sou branco, saudável, higiênico, sigiloso. Estudo proposta de enxoval completo, sem necessidade de morarmos juntos. Só masturbação e sexo oral nela, sem penetração. Foto é bom, mas não necessária. Descarto longa troca de correspondência. Enviem carta com detalhes.

***Ted, Caixa Postal 1.291, Santos, SP, CEP 11001-970.***

# JÓIA DE RABINHO

Foi depois que coloquei um anúncio no "Correio Confidencial" da Private, procurando um casal especial, jovem, agradável, cuja mulher quisesse ser transada sozinha ou com a participação do marido, que teve início o relacionamento que passo a narrar, o qual já dura mais de um ano.

Respondi a várias cartas e, no retorno, uma me chamou mais a atenção. "Sou uma moreninha linda de rosto, corpo e alma, que ama muito o sexo e tem fantasias que gostaria de realizar com a sua ajuda. Uma delas é poder dar o rabinho, mas tenho medo da dor. Fico molhadinha só de imaginar você, com sua experiência, comendo-me de quatro, com todo o membro enterrado no meu cuzinho, que ainda é virgem. Outra fantasia é sentir dois paus em minha boceta, ou então um de cada lado...", dizia.

Imaginem os leitores o que senti. Foi tesão puro, e um desejo maluco de satisfazer à tara daquela mulher. Então, marcamos um encontro, para nos conhecermos melhor. Gostei do casal, Jô e Paulo: os dois jovens, na faixa dos 20 e poucos anos, de bem com a vida, casados há pouco tempo, desenvoltos e dispostos a realizar suas fantasias sexuais. A conversa derivou para o sexo, e logo Jô confirmou que queria realizar o que havia dito na carta. Como estava sentada ao meu lado, peguei sua mão e a conduzi até o meu caralho, que estava duro, mal se contendo dentro da calça.

Jô não se intimidou, foi logo apertando, pegando, mesmo sobre o tecido, palmeando para avaliar o tamanho, ao mesmo tempo que dava uma espiada discreta (estávamos num local público), o suficiente para formar uma opinião e comentar: "É gostoso,

**A TV mostrava uma cena de sexo oral, onde a mulher chupava e engolia todo o cacete do seu companheiro**

grosso e bem duro, como eu imaginava, mas fico pensando se o meu rabinho vai agüentar! Tenho medo. Você promete que quando chegar a hora vai ser cuidadoso e pôr devagar? Quero fazer sexo anal, tenho muita tesão no rabinho, mas nunca consegui, pois o meu marido se afoba e acaba me machucando!"

Prometi tudo que Jô queria, dei-lhe todas as garantias e terminamos por

marcar um novo encontro, para irmos direto para um motel, já na semana seguinte. Chegando à suíte, solicitei umas bebidas, começamos a conversar, tudo na tentativa de descontraí-los, pois estavam visivelmente nervosos pelo inusitado da situação. Passamos a assistir um filme no vídeo, bebericando as bebidas, quando tomei a dianteira e acariciei os cabelos pretos e volumosos da Jô. Toquei seus lábios, puxei-a para mim e beijei-a. Logo estávamos abraçando-nos e beijando-nos, com volúpia, fazendo a temperatura e o tesão subir. Paulo a tudo assistia, sentado a uma cadeira.

A TV mostrava uma cena de sexo oral, onde a mulher chupava e engolia todo o cacete do seu companheiro. Perguntei a Jô se ela gostava daquilo. Respondeu que sim. "Então fique à vontade, eu também gosto! Dá uma provadinha!", retruquei. Começamos a nos despir. A mulher era uma delícia, magrinha (como eu gosto), ventre liso, seios pequenos, pelinhos aparados, coxas firmes, bunda linda, arrebitada e com nádegas firmes, enfim, um tesão!

Ficamos despidos, olhando-nos, até nos abraçarmos, quando ela se abaixou com meu pau já na mão.

Jô tocou meu pau com os lábios, beijou-o, esfregou-o no rosto, retardando o momento de engoli-lo. Que sensação maravilhosa ao sentir sua boca quente abraçar totalmente meu cacete, que foi até sua garganta. Na volta, ela o lambia e tornava a engoli-lo sem nenhum problema, o que demonstrava que era experiente nessa prática. Ah, que tesão! Virei-a e passamos a um 69. Adorei o gosto da sua bocetinha quase pelada, molhada, soltando seu suco na minha boca, abrindo-se para que tentasse alcançar seu íntimo com minha língua. Jô contorcia-se ao sentir seu clitóris ser tilintado, e eu empurrava meu ventre para cima, na tentativa de penetrar mais em sua boca gulosa.

Chegamos a um grau tal de excitação tal, que resolvi penetrar Jô logo. Disse-lhe que queria comer sua boceta, e ela logo se deitou de costas e abriu-se totalmente. Nesse ínterim, olhou para o marido e perguntou se estava gostando. Respondeu que sim, que estava adorando, que queria ver ela dando gostoso. Sugeri: "Venha, Paulo! Vou comer a Jô de quatro e ela pode te chupar ao mesmo tempo!" Ele topou na hora, ficou pelado e já veio de pau na mão, oferecendo para a esposa chupar.

Saborei bem devagar a primeira vez que penetrava naquela bocetinha. Que sensação maravilhosa! Sua gruta apertadinha e quente envolvia meu pau. Eu começava a me movimentar com maior desenvoltura. Ela gemia, mexia, rebolava... Só não falava, pois estava com a boca entalada com o cacete do marido. Eu me segurava para não gozar, mas Paulo não conseguiu e acabou gozando na boca da mulher, que engoliu tudinho até o fim, sem deixar escapar nada. Ficamos eu e Jô a foder, descontrolados de tesão, com movimentos ora violentos, ora mais carinhosos, até que gozamos, numa espiral crescente de entusiamo e num desvario louco pela satisfação de nossos corpos.

Após um bom banho, carinhos e chupadas, fiquei assistindo ao Paulo, posicionar-se sobre a esposa e possuí-la, no tradicional papai-e-mamãe. É excitante ver um casal transando. E fiquei logo com tesão. Aproximei-me dos dois, pondo meu pau na mão da Jô, que começou a me masturbar. Todos estávamos novamente excitados. Então, a mulher disse alguma coisa no ouvido do marido, que logo saiu de cima dela e deitou de costas, ajudando-a a ficar por cima. Nesse momento, Jô disse: "Vem, tesão, eu sei que você quer o mesmo que eu quero! Coma o meu rabinho, ele é todo teu! Só tenha cuidado para não me machucar! Quero sentir este pauzão gostoso todo enterrado dentro do meu cu!"

**Enquanto Jô gozava, eu tinha vontade de urrar, gritar de prazer. Já nem sabia direito o que estava acontecendo**

Paulo ficou dando força. Disse que a esposa era manhosa, mas que queria ser enrabada, e que eu não desse moleza, pois na hora "H" ela gostava de cair fora.

Jô ficou sobre Paulo e colocou seu membro na boca. O marido, por baixo, lambia sua boceta e abria suas nádegas para me ajudar. Ele queria ver de perto, muito perto, sua mulherzinha tomar no cu. Parti para a ação. Peguei um tubo de creme e comecei a lubrificar o botãozinho de carne, ora introduzindo um dedo, ora

dois, até que ela aceitasse sem reclamar, já empurrando a bunda de encontro a minha mão.

Quando chegou a hora, posicionei-me por trás daquela bunda apetitosa, toda aberta; encostei meu cacete no buraquinho, comecei a empurrar e, sem dificuldade, a cabeça passou. Jô gemeu, contraiu-se... Segurei-a pela cintura, parei, dei um tempo para que seu esfíncter se acostumasse com o invasor, e logo senti que ela mesma estava empurrando a bunda ao meu encontro. "Que maravilha!", pensei, "está tudo bem, ela quer tudo!" E assim foi. Forcei e enterrei todo o cacete em seu cuzinho, que era mesmo virgem.

Jô gemia, pois ainda estava com a boca cheia, e rebolava, demostrando que estava gostando. Depois parou de chupar o marido, dando total atenção ao meu pau, que entrava e saía de seu rabinho jóia, sem pressa, causando verdadeiro delírio, a ela e a mim. "Assim, amor, me fode, enterra tudo no meu rabo, me rebenta, come meu cuzinho, ele é todo teu, fode mais, rasga, que coisa boa, que pica gostosa, como é bom, eu sabia, agora quero que me fodas com força, mais, mais, vem, me rasga, quero tudo, vou gozar, ah, agora, agora, vem comigo, tô gozando, me enche de porra, assim, isso, tô me acabando...!"

Enquanto Jô gozava, eu tinha vontade de urrar, gritar de prazer. Já nem sabia direito o que estava acontecendo, só queria gozar, me acabar dentro dela... E foi isso que aconteceu: dei uma cravada com toda força e gozei. Como um rio, despejei um caudal imenso de porra dentro daquele seu cuzinho maravilhoso! Maravilhoso também foi sentir, com surpresa, a língua de Paulo lambendo o meu saco, depois do gozo, e de quase ter esquecido que ele estava debaixo de nós. Fiquei quieto, enquanto meu pau amolecia dentro da Jô, sentindo aquela língua macia massageando minhas bolas. Realmente, foi uma bela surpresa, que muito prometia!

Estávamos felizes, os três, por termos realizado uma de nossas fantasias. Mas também porque sentíamos que estava nascendo ali uma grande amizade, que de fato dura até hoje. Às vezes, saímos só eu e a Jô, outras vezes os três. E já fizemos a Jô provar nossos paus em sua boceta ao mesmo tempo, e também um na boceta e outro no cuzinho, fazendo um sanduíche. Ela se delicia. Mas, agora, estamos pensando em vê-la transando com uma outra gata. Jô ainda tem dúvidas, mas temos certeza de que acabará gostando. Será que alguém se habilita? Escrevam, liberalmente, com franqueza. Prometemos responder.

***ADO, Caixa Postal 1.540, Porto Alegre, RS, CEP 90001-970.***

# PRESENTE DE ANIVERSÁRIO ATRASADO

Tudo aconteceu a partir de 20 de agosto de 1985, portanto, há oito anos, dois dias antes do meu aniversário. Garoto ainda um tanto inexperiente, estava em uma praça, aguardando minha irmã, quando um rapaz moreno, de bigode e cavanhaque pretos, altura aproximada de 1,70 metro e um jeitão bem malandro, sentou ao meu lado e começou a conversar. Disse que se chamava Sérgio, era carioca, casado, tinha um filho e 23 anos de idade.

Como minha irmã estava demorando, resolvi ir para casa. Sérgio imediatamente se propôs a me levar. Concordei. Ao chegarmos, ele falou:

**Fora algumas transas com garotas, com homem eu era virgem**

— Posso vir te pegar às 14 horas? A gente dá um giro por aí e conversa mais um pouco.

Concordei outra vez. No horário marcado, ouvi a buzina do carro de Sérgio, dei tchau a minha mãe e saí.

— Aonde vamos? — ele perguntou.

— Estava pensando em ir ao cinema — respondi.

— Então faremos melhor: vamos assistir a um programa na televisão. Conheço um lugar excelente — ponderou.

Tomamos a estrada da praia de Ponta Negra e entramos em um luxuoso motel lá existente. Fiquei meio sem graça, pois, fora algumas transas com garotas, com homem eu era virgem. Sérgio ligou a televisão e passamos a assistir a um filme pornô, que começou a me deixar excitado. Meu amigo notou, encostou em mim e começou a me beijar as orelhas, o pescoço e os ombros, mesmo por cima da camiseta.

Quando dei por mim, estava beijando a boca de Sérgio. Em seguida, ele